



# *As relações intertextuais e interdiscursivas na canção “Língua” de Caetano Veloso*

**Intertextual and interdiscursive relations in the song “Língua” by Caetano Veloso**

Vanuza dos Santos Lima<sup>1</sup>

Wélida Alves

**Resumo:** A partir da reflexão de Fiorin (2006) acerca dos conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, propomos investigar se o conceito de interdiscurso está presente na obra de Bakhtin e buscar a distinção entre interdiscursividade e intertextualidade com base nos pressupostos do Círculo de Bakhtin. Por meio dessa reflexão, este artigo propõe, ainda, a análise da música “Língua”, de Caetano Veloso, com o objetivo de demonstrar as relações interdiscursivas e intertextuais nela presentes.

**Palavras-chave:** Intertextualidade; Interdiscursividade; Bakhtin; Dialogismo.

**Abstract:** From Fiorin's (2006) reflection on the concepts of intertextuality and interdiscursivity, we propose to investigate whether the concept of interdiscourse is present in Bakhtin's work and to seek the distinction between interdiscursivity and intertextuality based on the assumptions of Bakhtin's Circle. Through this reflection, this article also proposes the analysis of the song “Language” by Caetano Veloso, aiming to demonstrate the interdiscursive and intertextual relations present in it.

**Keywords:** Intertextuality; interdiscursivity; Bakhtin; dialogism.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. E-mail: [vanuzadlima@gmail.com](mailto:vanuzadlima@gmail.com).

## 1 Introdução

Por meio da leitura do artigo do autor José Luiz Fiorin (2006), intitulado “Intertextualidade e interdiscursividade”, busca-se analisar neste texto, partindo de reflexões sobre a obra de Bakhtin, a presença e a distinção dos conceitos em estudo.

Com esses objetivos, verifica-se a busca do autor pela origem dos conceitos e a relação que estes estabelecem com a obra do Círculo de Bakhtin, visando demonstrar como eles a constituem, apesar de não serem explicitamente mencionados. A reflexão contida no artigo de Fiorin permite-nos analisar a ocorrência de tais conceitos nos discursos cotidianos e relacioná-los ao que O Círculo de Bakhtin chamou de “dialogismo” no vasto conjunto de sua obra.

Para exemplificar essa questão, o presente artigo discorre sobre as ideias defendidas por Fiorin em seu texto, demonstrando as conclusões do autor, das quais partilhamos, e amplia um pouco mais esses conceitos, a partir da contribuição de outros autores. Por fim, analisamos a canção “Língua”, de Caetano Veloso, buscando demonstrar as ocorrências intertextuais e interdiscursivas.

## 2 Intertextualidade e interdiscursividade em Bakhtin pela ótica de Fiorin

Segundo Fiorin (2006), os termos intertextualidade e interdiscursividade não foram citados nas obras do Círculo de Bakhtin, no entanto a constituem. Essa afirmação nasce a partir da análise das primeiras aparições dos termos, por meio da obra de Kristeva, que os associou ao pensamento dialógico.

Essa associação é realizada a partir da análise feita pela autora, em 1967, com a publicação de uma discussão sobre as obras *Problemas da Poética de Dostoiévski* e *A Obra de François Rabelais*, a partir das quais se tem o pensamento de Bakhtin de que “o discurso literário é um cruzamento de discursos em que se lê, pelo menos, um outro discurso (texto)”.

A questão de interdiscursividade é atribuída o Círculo de Bakhtin por meio do conceito de dialogismo. De acordo com Fiorin (2006), “o círculo de Bakhtin não se ocupa com o diálogo em si, mas com o que ocorre nele, isto é, com o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito”. Sobre essa questão, e visando a um entendimento do conceito, Fiorin enfatiza que:

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Todo enunciado é dialógico. Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto nele ouvem-se ao menos duas vozes. (FIORIN, 2006, p. 24)

Dessa forma, não há linguagem sem dialogismo, pois é a partir do diálogo discursivo que constituímos discursos, e o que enunciamos é uma resposta a enunciados já ditos, demonstrando, assim, um diálogo incessante de réplicas do que já foi dito.

Para que possamos aprofundar os estudos sobre essas questões, apresentamos, primeiramente, as definições de intertextualidade e interdiscursividade fornecidas pelo Dicionário de Análise do Discurso, de Charaudeau e Maingueneau (2016):

**INTERTEXTUALIDADE** – Esse termo designa ao mesmo tempo uma propriedade constitutiva de qualquer texto e o conjunto das relações explícitas ou implícitas que um texto ou um grupo de textos determinado mantém com outros textos, na primeira acepção é uma variante de interdiscursividade. (MAINGUENEAU, 2016, p.288)

**INTERDISCURVIDADE** – Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos, de entrar no interdiscurso. Este último está para discurso, assim como intertexto está para texto. Em sentido restritivo, o interdiscurso é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (...) que mantém relações de delimitações recíprocas uns com os outros. (MAINGUENEAU, 2016, p. 286)

Ainda no artigo supracitado, é possível encontrar uma distinção entre os conceitos, que, segundo Fiorin, é muito clara, pois a intertextualidade tem a ver com as relações dialógicas entre textos, ou seja, a materialização do enunciado, já a interdiscursividade está relacionada à relação de sentido e o cruzamento de interdiscursos. Cabe ressaltar a afirmação do autor de que toda intertextualidade pode abarcar a interdiscursividade, enquanto a última nem sempre abarca a primeira.

### 3 Texto: ampliando conceitos

Podemos afirmar a grande influência que a teoria do dialogismo do Círculo de Bakhtin imprimiu na linguística textual e em sua concepção de intertextualidade. Em KOCH (2007), encontramos um *apud* da teoria de Bakhtin logo na apresentação da obra “Intertextualidade: diálogos possíveis”, em que a autora cita:

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

O texto só ganha vida em contato com outro texto (contexto). Somente neste ponto de contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo. Enfatizamos que esse contato é um contato dialógico entre textos... por trás desse contato está um contato de personalidade e não de coisas. (*apud* Bakhtin, em Koch, 2007, p. 9)

Portanto, há diálogos textuais em que textos conversam entre si e levam o leitor a estabelecer relações de sentido, distanciando-se da neutralidade, novidade e limpidez e aproximando-se do hibridismo, dialogismo, polifonia, intertextualidade e interdiscursividade.

Para entender essa questão, é necessário ir além da materialidade textual atestada na linguística até meados dos anos 1960, avançando para o que Koch (2007) chama de “virada pragmática”, que contribuiu para redimensionar e enriquecer o conceito de texto, a partir de 1970, por meio das teorias da enunciação, dos atos de fala, da atividade verbal e da análise do discurso.

Nessa perspectiva, Marcuschi (1983) apresenta considerações sobre as teorias cognitivas de 1980 que tratam a linguística textual como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da construção, produção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais, ou seja, as questões de coesão e coerência ultrapassam a materialidade textual e são relacionadas a movimentos cognitivos geradores e gerados por diversos sentidos.

Em 1990, segundo Koch (2007), o texto é visto como lugar de constituição e interação de sujeitos sociais, em que convergem ações cognitivas, linguísticas e sociais. Essa visão de Koch relaciona-se ao fenômeno de interação verbal proposto pelo Círculo de Bakhtin:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* e das *enunciações*. *A interação verbal constitui assim a substância fundamental da língua.* (BAKHTIN/VOLCHÍNOV, 1988, p. 125)

Portanto, Bakhtin-Volochínov demonstram perfeitamente a evolução do conceito de texto construído desde 1990, demonstrando que o enunciado é o produto da interação verbal que acontece orientada pelo exterior, ou seja, por posições sociais, contexto histórico e, enunciadore e coenunciadore, abrangendo muito mais do que regras estanques de coesão

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

e coerência.

A partir de uma autocitação, Koch (2007) enfatiza o que entende por texto no estado atual da linguística. Uma concepção que “conversa” concomitantemente com o princípio da interação verbal na obra do círculo de Bakhtin:

Texto como lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como evento, portanto, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (Beaugrande, 1997), ações por meio das quais se constroem interativamente os objetos-de-discurso e as múltiplas propostas de sentidos... (*apud* KOCH, em Koch, 2007, p. 13)

Dessa forma, os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade não se limitam ao núcleo duro da linguística, ou seja, a simples e pura materialidade linguística, pois é preciso ampliar o olhar para o modo como acontece a constituição do texto, a partir das interações e questões históricas e sociais de seus enunciadores e coenunciadores, entendendo que, assim como colocado por Kristeva (*apud* em KOCH, 2007, p.), todo texto nasce de um diálogo com outros textos, como um mosaico de citações que absorvidas transformam-se em outro texto.

É nessa perspectiva que, tanto Fiorin como Bakhtin, Koch, Kristeva e Marcuschi, ampliam o conceito de texto colocado em 1960.

### 4 Sobre a noção de intertextualidade

Seguindo o proposto por Koch (2007), apresentaremos neste item alguns tipos de intertextualidade em que é possível perceber o reconhecimento de outro texto em um texto, ou seja, um texto que já faz parte de uma memória social presente em outro texto. Para entendermos melhor, propomos a análise do quadro a seguir, construído a partir da leitura do livro em menção:

**Quadro 1** – Tipos de intertextualidade

TIPO	CONCEITO	EXEMPLOS
------	----------	----------

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Intertextualidade temática	Encontrada em textos científicos, pertencentes a uma mesma área do saber ou mesma corrente de pensamento, que partilham temas e servem de conceitos e terminologias próprios. Temas que se retomam ao longo do tempo.	Entre matérias de jornais ou da mídia que tratam determinado assunto como focal;  Textos literários de uma mesma escola ou gênero, ou até mesmo diferentes ao retomarem os mesmos temas
Intertextualidade estilística	Ocorre quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas.	São comuns textos que imitam a linguagem bíblica;  imitam estilo de determinado gênero;  imitam o estilo de determinado autor
Intertextualidade explícita	Acontece quando no próprio texto é feita a menção à fonte do intertexto, isto é, quando um outro texto ou um fragmento é citado e atribuído a outro enunciador.	Citações; Referências; Menções; Traduções; Resumos; Resenhas;  Textos argumentativos quando se emprega o recurso do argumento de autoridade
Intertextualidade implícita	Quando se introduz no próprio texto, intertexto alheio, sem qualquer menção explícita da fonte, com objetivo de seguir-lhe a orientação, contraditá-lo, colocá-lo em questão...	Paráfrases; Ironias; Apropriações; Inversão; Negação

Elaboração das autoras, a partir do livro Intertextualidade diálogos possíveis.

A partir da análise do quadro proposto, observa-se que, na intertextualidade há diversas maneiras de os textos se constituírem, a partir de outros textos, de maneira clara e explícita, ou implicitamente.

Na primeira forma de intertextualidade, verifica-se a ocorrência temática na constante retomada que a mídia faz de certos assuntos que são capazes de estar presentes em diferentes textos, com formas e sentidos distintos, ou ainda, temas recorrentes em escolas literárias como o romantismo, ao abordar o tema do nacionalismo. Percebem-se diferentes construções textuais, tomadas de um texto ou interdiscurso que as cruzam.

Quanto à intertextualidade estilística, diferentes textos elaborados seguindo um estilo textual ou de um autor são comuns, como exemplo as inúmeras releituras que encontramos do poema *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, em que tanto o estilo como a forma proposta pelo autor são imitados.

## **I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas***

Já sobre a intertextualidade explícita, pode-se dizer que é a de mais fácil identificação, pois o fragmento utilizado no texto é automaticamente reportado a sua fonte. Esse tipo de intertextualidade permite uma interação entre autores e teorias e traz certa autoridade aos textos que são “embasados”, de acordo com os diferentes autores e teorias que tratam do mesmo assunto ou divergem a esse respeito.

Por fim, a intertextualidade implícita requer do leitor certo conhecimento para identificar os textos que “conversam” no interior de um mesmo texto, sem que haja citação ou menção dos autores, portanto, é necessário ativar na memória discursiva o texto fonte para que se entenda o que é proposto pelo autor; se essa ativação não ocorre, a construção de sentidos fica comprometida.

Mediante o exposto, é possível afirmar a relação da intertextualidade com os pressupostos do Círculo de Bakhtin que, conforme colocado por Brait (2005), afirma que o dialogismo concebe o texto como um tecido de muitas vozes ou de muitos textos e discursos, que se entrecruzam, completam-se, respondem um ao outro, ou polemizam entre si.

### **5 Alguns apontamentos sobre a interdiscursividade**

A questão da interdiscursividade está diretamente ligada ao discurso, assim como a intertextualidade está para o texto, pois, quando estudamos o discurso, segundo Brandão (2004), fazemos isso relacionando a outros discursos, visto que a identidade dos discursos é estruturada a partir da relação interdiscursiva, e não independentemente uns dos outros.

Brandão (2004) ainda afirma que um discurso nunca é autônomo, ele remete sempre a outros discursos, concretizando-se em um espaço de trocas, nunca em uma identidade fechada. Dessa forma, não existe discurso único ou uma formação discursiva que não seja atravessada por outros discursos, assim que se dá a constituição de um discurso, a partir da presença do Outro.

Nessa perspectiva, o ato de enunciação é sempre permeado por enunciados produzidos anteriormente e em um determinado espaço social, assim, todo discurso é orientado por discursos já ditos. A essa relação de discursos é dado o nome de interdiscursividade.

Sobre essa questão, insta citar Orlandi (2009), que afirma que há um já dito que sustenta todo dizer, alguma coisa que vem pela história, que não pede licença, que é atualizada pela memória, portanto o dizer não é apenas do locutor, mas resultado de diversas vozes

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

que, independentemente atravessam o discurso, conforme se verifica na citação da referida autora:

É definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retoma sob forma de pré-construído o já dito, que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (ORLANDI, 2015, p. 31)

Portanto, há aqui mais uma similaridade com a teoria de Bakhtin que vem, a partir de uma metáfora, afirmar que o único discurso original foi o discurso do Adão mítico, por ter sido o primeiro habitante da Terra, sem influências anteriores, o que nos leva a concluir que o interdiscurso é intrínseco a todo discurso.

Essa noção de interdiscursividade demonstra certa relação entre o dialogismo proposto pelo Círculo de Bakhtin e a questão do interdiscurso de Kristeva, pois, apesar da terminologia diferente, o sentido em muito se assemelha, haja vista que, para o autor, o discurso não é individual, porque se constrói na relação entre dois interlocutores e no diálogo entre dois ou mais interlocutores.

Na obra do Círculo de Bakhtin, a noção de interdiscursividade está diretamente ligada ao atravessamento de outras vozes que constituem o enunciado e que é intrínseca à linguagem ou a sua própria constituição. Segundo Bakhtin, todo discurso é social, permeado e habitado por diversas vozes:

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar; com ele de uma interação viva e tensa. (BAKHTIN, 1988, *apud* FIORIN, 2006, p18)

Portanto, tudo o que é enunciado e todo o objeto que se dá por conhecer já chega envolto de outros discursos; o que é dito hoje, já foi dito anteriormente, dessa forma o que é enunciado e aquilo que se interpreta do mundo está em constante diálogo com as vozes que circundam e se interiorizam nos sujeitos.

### 6 Análise intertextual e interdiscursiva da música “língua”, de Caetano Veloso

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

A canção “Língua” foi lançada no álbum *Velô*, que é o décimo sexto álbum de estúdio do cantor e compositor brasileiro Caetano Veloso, lançado em 1984, pela *Philips Records*. A seguir, transcrevemos a canção com as partes que serão analisadas em destaque:

**Gosto de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões** Gosto de ser e de estar

E quero me dedicar a criar confusões de prosódias

E uma profusão de paródias Que encurtem dores

E furtem cores como camaleões

### 1) **Gosto do Pessoa na pessoa Da rosa no Rosa**

E sei que a poesia está para a prosa Assim como o amor está para a amizade E quem há de negar que esta lhe é superior?

### 2) **E deixe os Portugais morrerem à míngua**

### 3) **Minha pátria é minha língua**

Fala Mangueira! Fala!

### 4) **Flor do Lácio** Sambódromo Lusamérica latim em pó

O que quer

O que pode esta língua?

Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas

E o falso inglês relax dos surfistas Sejam imperialistas! Cadê? Sejam imperialistas!

Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda

E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate

E (xeque-mate) explique-nos Luanda Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo

Sejam o lobo do lobo do homem

Lobo do lobo do lobo do homem

Adoro nomes Nomes em ã

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

De coisas como rã e ímã

Ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã Nomes de nomes

Como Scarlet, Moon, de Chevalier, Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé

### 5) **Maria da Fé**

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó

O que quer

O que pode esta língua?

Se você tem uma ideia incrível é melhor fazer uma canção

Está provado que só é possível filosofar em alemão

Blitz quer dizer corisco Hollywood quer dizer Azevedo

E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo.

A língua é minha pátria

E eu não tenho pátria, tenho mátria E quero fráttria

Poesia concreta, prosa caótica Ótica futura

Samba-rap, chic-left com banana (Será que ele está no Pão de Açúcar? Tá craude brô

Você e tu Lhe amo

Qué queu te faço, nego? Bote ligeiro!

Ma'de brinquinho, Ricardo!? Teu tio vai ficar desesperado!

Ó Tavinho, põe camisola pra dentro, assim mais pareces um espantalho!

I like to spend some time in Mozambique

Arigatô, arigatô!

Nós canto-falamos como quem inveja negros

Que sofrem horrores no Gueto do Harlem

Livros, discos, vídeos à mancheia

### 6) **E deixa que digam, que pensem, que falem**

A canção de Caetano Veloso não é apenas uma homenagem, mas também uma

## **I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas***

reflexão sobre a língua portuguesa, mais especificamente o português falado no Brasil. Ao compará-lo com os demais países, é facilmente notável que trata-se de um idioma único; o que é evidenciado pelo cantor nesta obra. O autor cita as peculiaridades da língua, associando os aspectos da cultura brasileira e os incorporados de outras culturas. Além disso, todo o contexto da canção só é compreendido a partir de um conhecimento além do texto, é necessário conhecer algumas referências citadas para compreender a intertextualidade e interdiscursividade que direcionam o sentido da canção.

A canção se inicia (trecho 1 em destaque) com uma frase que gera um sentido ambíguo; há tanto uma conotação sexual, referindo-se ao beijo, neste caso compreende-se “língua” apenas como a parte do corpo humano, a parte física. Em contrapartida podemos compreender também “língua” neste trecho como o idioma em si. Ao falar que Caetano gosta de roçar sua língua à de Luís de Camões, traz-nos ideia que o autor distingue o português falado no Brasil e em Portugal, visto que Camões é português e o próprio Caetano brasileiro. O uso do verbo roçar nos transmite a ideia de encostar, entrelaçar, esfregar, e tais ações são feitas com objetos diferentes, portanto, compreende-se que Veloso não compreende as línguas portuguesas como iguais. Ao citar o poeta português, reconhecido como uma das maiores figuras da literatura lusófonas, pelo seu trabalho com a língua, tema central da canção, notamos o primeiro sinal de interdiscurso, pois o que é proferido na canção resgata um discurso anterior, o de reconhecimento do autor português Luís de Camões.

Ainda nesta primeira estrofe da canção, no segundo verso, há referência aos verbos ser e estar, e ao utilizar a conjunção aditiva “e” o autor nos revela uma crítica à língua inglesa, visto que nesta última há apenas um verbo para designar os dois sentidos. Nesta mesma estrofe, o autor destaca ainda a diferença da língua principalmente no que diz respeito a oralidade, ao citar que se dedica a confusões de prosódias, pois o termo designa o emprego correto da acentuação da sílaba tônica.

Ao passarmos ao segundo item em destaque, é possível observar novamente o interdiscurso, o autor da canção traz o poeta Fernando Pessoa e o poeta Guimarães Rosa, ambos escritores de destaque na literatura brasileira e portuguesa. Além de citar tais autores, Veloso faz um jogo de palavras com os sobrenomes, ao citar “Pessoa na pessoa”, compreendemos como as obras do autor Fernando Pessoa são espalhadas, conhecidas e introduzidas na cultura do povo. E ao citar “da rosa no Rosa” podemos inserir que o autor Guimarães Rosa escreve com paixão, visto que a flor que o autor faz menção, a rosa, é símbolo desse sentimento, além do amor e da pureza.

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

No terceiro item, Caetano traz como interdiscursividade um discurso muito comum em nossa nação, sobre a colonização do Brasil. Ouve-se com frequência sobre o ouro que os portugueses que aqui colonizaram não souberam aproveitar. Trazer a história do Brasil dizendo para deixar os Portugais morrerem à míngua, não refere-se apenas ao país de Portugal, mas além disso o cantor evidencia que o Brasil possui outra riqueza, outra singularidade: a língua.

No trecho quatro em destaque o autor faz menção novamente a Fernando Pessoa, no entanto, dessa vez há a intertextualidade, pois Caetano refere-se a obra *Desassossego*, escrita pelo heterônimo de Fernando Pessoa, Bernardo Soares, quando diz: “Minha pátria é minha língua” referindo-se ao patriotismo ou devoção pela língua. Ao repetir o referido verso, Caetano Veloso acrescenta à afirmação do poeta português um trocadilho de pátria por mátria defendendo assim a ideia de valorização da Língua Portuguesa, dando a ela o mesmo peso da nossa pátria e dando ênfase à figura materna a partir da troca das palavras.

O trecho cinco também nos traz marcas de intertextualidade “Flor do Lácio” remete ao poema de Olavo Bilac intitulado “Língua Portuguesa”:

Última flor do Lácio, inculta e bela, És, a um tempo,  
esplendor e sepultura: Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...  
Amo-te assim, desconhecida e obscura. (GUIMARÃES ROSA)

Neste trecho há também marcas de interdiscursividade, visto que o autor faz uma referência histórica ao local de origem da língua portuguesa, ou seja, uma região da Itália que recebe o nome de Lácio. Ainda, ao trazer a referência do poema para a música, as vozes e interpretações que o habitam passam a fazer relação com a canção ao indicar local de origem do latim, tem-se também a constatação de Olavo Bilac de que a nossa língua é inculta, ou seja, derivada de uma língua sem muito prestígio.

O último trecho destacado, número sete, é possível observar novamente a ocorrência de intertextualidade explícita, conforme destacado no quadro 1 constante do item 3. O verso “Deixa que digam, que pensem e que falem...” traz referência a canção de Jair Rodrigues intitulada “Deixa isso pra lá”.

Nesta canção, Caetano Veloso apresenta uma série de relações interdiscursivas e intertextuais ao citar cantores da música popular brasileira e autores como Guimarães Rosa

## **I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas***

e Fernando Pessoa, dialogando com os discursos da literatura e da música. Estabelece, também, um diálogo com a filosofia, ao citar Aristóteles, e com o discurso histórico, ao traçar um pouco da história da língua portuguesa.

Todos esses interdiscursos apresentam e configuram uma formação discursiva presente na música de exaltação e busca da valorização da língua portuguesa, atualizando uma crítica aos estrangeirismos e diferenciando o português brasileiro do português de Portugal. Ao enaltecer formas de dizer tipicamente brasileiras, Caetano suscita uma série de interdiscursos com objetivo de valorizar a língua portuguesa.

De forma brilhante, em praticamente toda canção, o autor traz uma relação entre o português falado no Brasil, o português de Portugal e os estrangeirismos. Inicia esse paralelo citando autores portugueses e brasileiros. Ainda destaca a questão de ser e estar diretamente ligada à língua inglesa. Adiante, apresenta as diversas formas de se falar o português no Brasil e critica os estrangeirismos e a necessidade de reconhecimento científico dos trabalhos em português.

Caetano Veloso coloca a língua como a própria pátria, ou, como ele preferiu chamar, mátria. A mãe que constrói e destrói, dessa colocação ele traz o questionamento: o que pode essa língua? Demonstrando, assim, a importância da valorização da língua a própria.

### **7 Considerações finais**

A partir da reflexão proposta por Fiorin, referente a investigar se o interdiscurso está presente na obra de Bakhtin e buscar a distinção entre interdiscursividade e intertextualidade com base nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, verificou-se que, apesar de não verificar esses termos nos escritos do círculo, é possível relacioná-los ao que o círculo chamou de dialogismo.

Nesta pesquisa, buscou-se, também, ampliar os conceitos de texto, intertextualidade e interdiscursividade, aproximando-os da teoria do Círculo de Bakhtin, pois a visão contemporânea desses conceitos enfatizam a interação, o social e o contexto, para construção tanto de textos como de discursos, o que vai ao encontro do que o círculo chamou de dialogismo e interação verbal.

Outrossim, a intertextualidade faz-se presente em diversos momentos da canção analisada neste artigo, demonstrando a relação direta da música analisada com outros textos, o que demonstra que, assim como o discurso não é puro os nossos textos também não o

## I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

são. As relações intertextuais trazem ao texto diversas relações interdiscursivas, pois, quando um autor se remete a outros textos, remete-se, também, a uma gama de outros discursos, visando reforçar ou rejeitar o que propõe.

Dessa forma, o compositor de *A Língua*, ao trazer para a canção outros autores e com eles outros discursos, apresenta o que chamamos nesta pesquisa de interdiscursos, remetendo o interlocutor da música a fatos históricos com o objetivo de conversar e confirmar seu discurso.

Por fim, a partir da investigação de Fiorin, é possível afirmar que a questão intertextual e interdiscursiva está presente na obra do Círculo de Bakhtin, assim como proposto por Kristeva. Apesar de não citar especificamente esses termos, eles constituem a obra do círculo.

### Referências

BAKHTIN (Volochinov), Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Interdiscursividade e intertextualidade*. IN: Brait, Beth. *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo, Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo. Editora Ática, 2006.

LÍNGUA PORTUGUESA, de Olavo BILAC in Flor do Lácio, de Cleófano Lopes de OLIVEIRA. 4 ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1958.

MALMESBURY, Thomas Hobbes de. *Leviatã ou matéria, forma e poder*. Acessado em [http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh\\_thomas\\_hobbes\\_leviatan.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_thomas_hobbes_leviatan.pdf) , em 3 de dezembro de 2017 às 15:30.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12ª edição, Editora Pontes, Campinas-SP, 2015.

PESSOA, Fernando. *O livro do desassossego por Bernardo Soares*. Editora brasiliense – 2ª edição. Acessado em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/vo000008.pdf> em 3 de dezembro de 2017 às 15h.

SILVA, Maria Regina Ponte. *O conceito de amizade em Aristóteles*. Acessado em

**I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas***

<http://www.consciencia.org/o-conceito-de-amizade-em-aristoteles> em 3 de dezembro de 2017.

KOCH, Ingedore G. Vilhaça, BENTES, Anna Christina Bentes e CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Orgs.). Intertextualidade diálogos possíveis – São Paulo – Cortez, 2007.